



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS E TECNOLOGIAS
CURSO: GEOGRAFIA

**TERRITORIALIDADE DOS POTIGUARAS DA ALDEIA SÃO
FRANCISCO, LITORAL NORTE-PB**

ROBERTO DOMINGOS DA SILVA

BAIA DA TRAIÇÃO
2017

ROBERTO DOMINGOS DA SILVA

**TERRITORIALIDADE DOS POTIGUARAS DA ALDEIA SÃO
FRANCISCO, LITORAL NORTE-PB**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de
Graduação em Geografia para a obtenção do Grau
de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues

BAÍA DA TRAIÇÃO

2017

ROBERTO DOMINGOS DA SILVA

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Graduação da Paraíba-UEPB como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Termo de Aprovação: Monografia aprovada em 30/05/2017, com a Nota:, como pré-requisito para a obtenção do Título de Bacharel, ao nível de Graduação, no Curso de Bacharelado em Geografia, no Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba, a qual foi submetida à avaliação, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores membros:

Banca Examinadora

Maria de Fátima Ferreira Rodrigues

Dra em Geografia Humana, Profa do Dgeoc/PPGDH/UFPB -Orientadora e Presidente da Banca

Amanda Christinne Nascimento Marques

(Dra em Geografia, Profa do CCHSA, Campus III da UFPB/PPGDH)

(Examinadora externa)

Estevão Martins Palitot

(Dr. em Antropologia, prof do CCAE e do PPGDH/UFPB)

BAÍA DA TRAIÇÃO

2017

A minha família, minha base.

AGRADECIMENTOS

Diante de toda jornada estigada, com cansaço, desgaste físico e até mesmo mental, mas como na vida nada sem esforço tem graça, por tanto a mesma segue.

Agradeço primeiramente a Deus (Pai Tupã) e as pessoas mais próximas, minha família, principalmente meus filhos; Melissa Rebeca, Tupã Endí e minha nobre esposa Marta Freire, que sempre me apoia em todos os meus esforços, e principalmente nas dificuldades. Agradeço também aos demais companheiros que sempre me incentivou a prosseguir e ir até ao final deste progresso.

E não poderia também deixar de agradecer a uma pessoa muito importante, que pela sua paciência, calma, e que me incentivou sempre a pensar adiante, e isto me serviu de inspiração e estímulo, sobrecarregado de energias positivas. Com muito carinho e consideração, Professora Maria de Fátima Ferreira Rodrigues, minha orientadora.

RESUMO

Este trabalho é voltado para a área da Geografia–Agrária, tendo como objeto de estudo a Aldeia São Francisco, a pioneira da Terra Indígena Potiguara. O objetivo geral desse estudo foi analisar a cultura, os costumes e as tradições da Aldeia São Francisco e os específicos registrar a relação dos Potiguara com a natureza e seus aspectos culturais e espirituais e práticas religiosas; interpretar a dinâmica cotidiana deste povo a nível municipal; relatar as práticas tradicionais e culturais, transparecendo a atualidade, e seus meios de sobrevivência; na agricultura, e meios socioeconômicos; Esta pesquisa embasa-se em uma pesquisa qualitativa a respeito de temas relacionados ao objeto em estudo, a territorialidade da Aldeia São Francisco. No primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para abrir um leque de conhecimentos dentro da problemática abordada. Tivemos como referências os autores ARANTES (1985) BATISTA (2005), XAVIER (2006) FERREIRA (2001); (MARQUES, 2009) MOONEN (1992), PALITOT; SOUZA (2005), ROSA (2002), entre outros. Em seguida, fizemos registros informais e entrevistas abertas para identificar as crenças, costumes, enfim, abordando a cultura da Aldeia São Francisco, juntamente com a observação participante. Diante dos resultados, concluímos que a Aldeia São Francisco, tem sua própria cultura, que por sinal é curiosa e cheios de apetrechos. Assim, baseado na tradição potiguara, celebrou-a dança do toré e a espiritualidade, assim como produz as comidas típicas e o artesanato, e cultivos as lavouras, as festividades locais, ritos criados pelos ancestrais, com crenças, imagem católicas. Desse modo, identificamos que eles têm a sua própria forma, jeito de se divertir, seus próprios objetos de entretenimento, diversas vezes, criados por esse povo que resiste.

Palavras- chaves: Territorialidade; Cultura; Aldeia São Francisco

ABSTRACTS

This work is directed to the area of Agrarian Geography, having as object of study the San Francisco Village, the pioneer of the Potiguara Indigenous Land. The general objective of this study was to analyze the culture, customs and traditions of the San Francisco Village and the specific ones to record the relation of Potiguara with nature and its cultural and spiritual aspects and religious practices; Interpret the daily dynamics of this people at the municipal level; To report on traditional and cultural practices, showing the current situation and their means of survival; In agriculture, and socioeconomic means; This research is based on a qualitative research on subjects related to the object under study, the territoriality of the São Francisco Village. In the first moment, a bibliographical research was carried out to open a range of knowledge within the problematic approach. We had as references the authors ARANTES (1985) BATISTA (2005), XAVIER (2006) FERREIRA (2001); (MARQUES, 2009) MOONEN (1992), PALITOT; SOUZA (2005), ROSA (2002), among others. Then we made informal records and open interviews to identify the beliefs, customs, and finally, approaching the culture of the San Francisco Village, along with participant observation. In view of the results, we conclude that the São Francisco Village has its own culture, which by the way is curious and full of paraphernalia. Thus, based on the potiguara tradition, it celebrated the dance of the toré and the spirituality, as well as produces the typical foods and the crafts, and crops the crops, the local festivities, rites created by the ancestors, with beliefs, catholic image. In this way, we identify that they have their own way, way of having fun, their own objects of entertainment, several times, created by this people that resists.

Keywords: Territoriality; Culture; San Francisco Village

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	14
2. TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE DA ALDEIA SÃO FRANCISCO	17
2.1 Caracterização do território.....	17
2.2 Nossa Tradição: nossa memória e histórias	21
2.3 O Toré	21
2.4 Acontecimentos Atuais	26
3. FESTAS, FESTEJOS E FESTIVIDADES	27
3.1 A sociabilidade Potiguara.....	27
3.2 Festividades e Costumes da Aldeia São Francisco	32
3.2.1 Festa do Padroeiro São Miguel	33
3.2.2 Festa de Nossa Senhora da Conceição	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Este trabalho é voltado para a área da Geografia-Agrária, tendo como objeto de estudo a Aldeia São Francisco, a pioneira da Terra Indígena Potiguara. Considerada a pioneira devido sua fundação, com os primeiros indígenas fugindo das margens do oceano atlântico evitando confrontos com os invasores da época, outrora nos séculos XVI e XVIII. Após instalação dos indígenas e organização destes, mais tarde se expandia a procriação do grupo e em seguida dava origem a outras aldeias com a expansão de indivíduos nativos.

A Aldeia São Francisco, localiza-se na microrregião do Litoral Norte em Baía da Traição, pertencente a mesorregião da Mata Paraibana (região atlântica), do estado da Paraíba. O clima é tropical úmido com estação seca moderada e temperaturas variando muito pouco durante o ano, alcançando as médias de 26°C. O Litoral Paraibano divide-se em setentrional e meridional, o limite entre esses dois segmentos é representado pelo Estuário do rio Paraíba. Os municípios que compõem o litoral setentrional e meridional são: Lucena, Rio Tinto, Marcação, Mamanguape, Baía da Traição e Mataraca. Justamente nas áreas de Mataraca que inicia a TI Potiguara, com o Taepi a primeira Aldeia no sentido Norte para o sentido Sul do nosso território, mesmo ter passado por processo demarcatório, mas está confirmada a existência da mesma em nossa área, e seguida das demais como: Cumarú, Lagoa do Mato, Tracoeira, Silva, Bento, Santa Rita, Laranjeira, Vila São Miguel, Forte, Galego e a São Francisco. Ressaltando que estas Aldeias citadas fazem apenas parte da área da Baía da Traição.

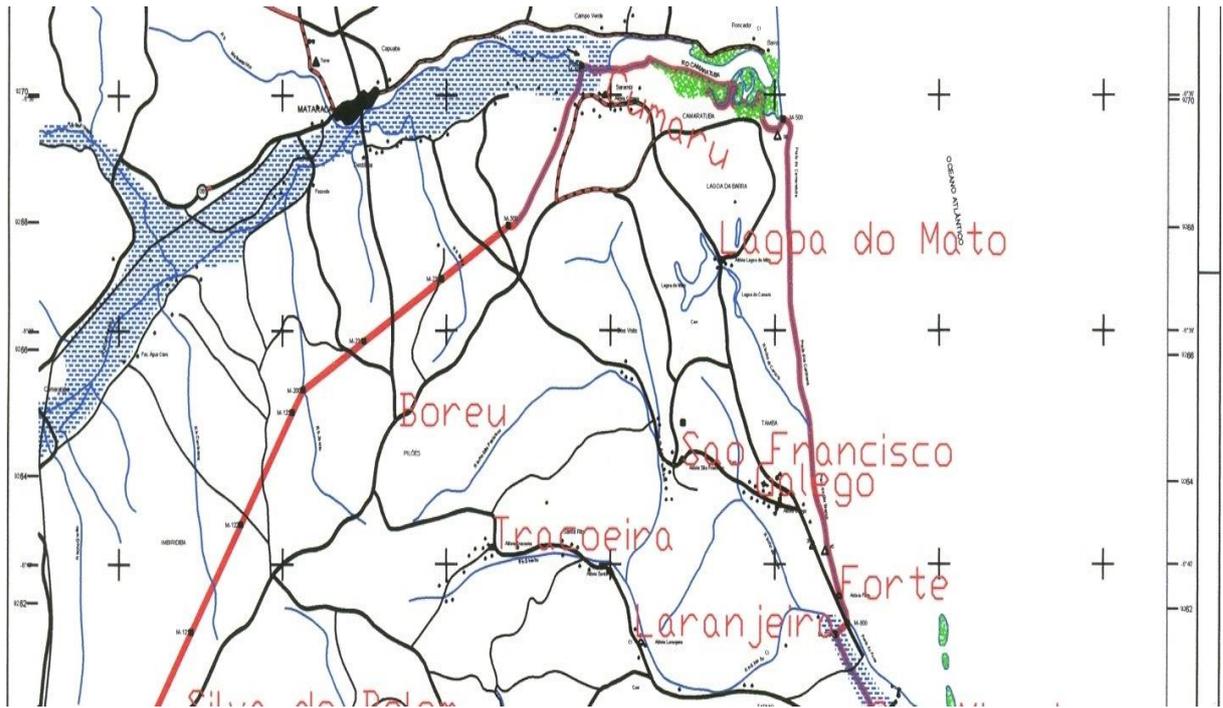


Figura 01- Território Indígena, fonte: Fonte: FUNAI, 2013.

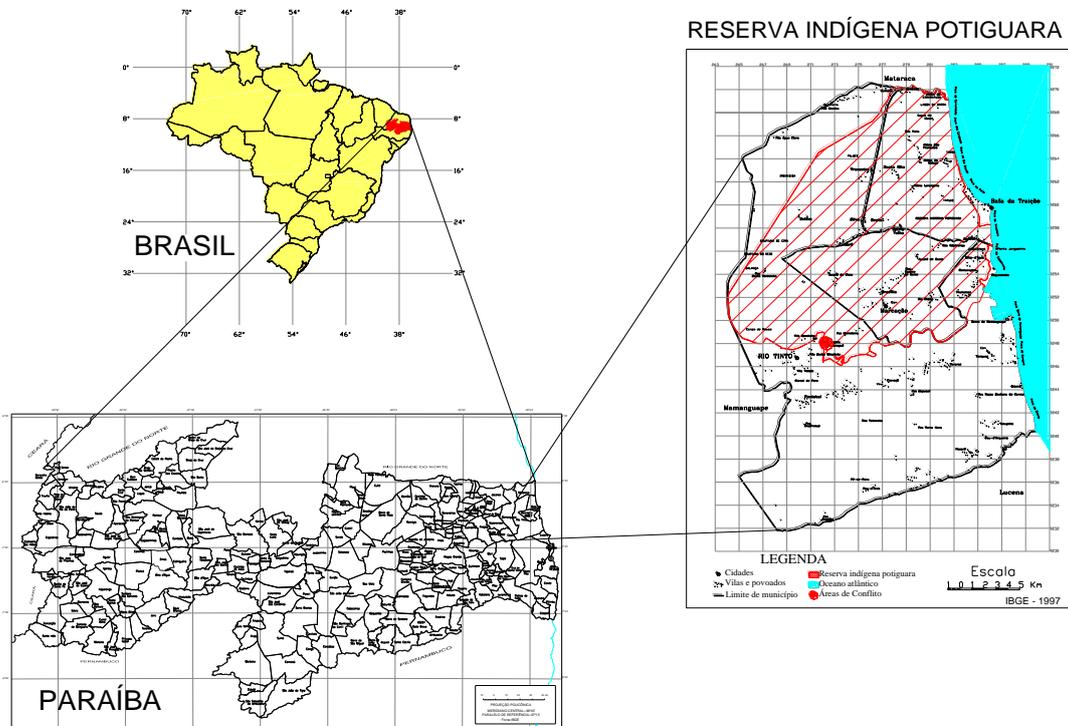


Figura 02-Visão Geográfica da Terra Indígena, Fonte: Amanda Marques,1997

A pesquisa tem como objetivo geral: analisar a cultura, os costumes e as tradições da Aldeia São Francisco e os específicos:

- 1) Registrar a relação dos Potiguara com a natureza e seus aspectos culturais e espirituais e práticas religiosas;
- 2) Interpretar a dinâmica cotidiana deste povo a nível municipal;
- 3) Relatar as práticas tradicionais e culturais, transparecendo a atualidade, e seus meios de sobrevivência; na agricultura, e meios socioeconômicos; narrar à questão do arrendamento de terras na década de 1980;

No início do século XVI, a região onde está localizada a Baía da Traição era habitada pelos Potiguara, um dos povos citado na literatura como um dos mais aguerridas do litoral brasileiro. Esse povo determinado e guerreiro, que sempre buscou seus objetivos e seus ideais, mesmo sofrendo diversas agressões e repressão ao seu patrimônio material e territorial. Em meio a tantas lutas e confrontos, os Potiguara continuam sempre com o mesmo espírito de luta, além de ser cultivador de sua cultura e sua tradição, e defensor de suas terras.

Os potiguara fazem parte dos povos da família linguística Tupi. Hoje, falam o português e estão revitalizando o tupi na educação escolar indígena. E como todos os povos que vivem no Nordeste, possuem uma longa história de contato com a sociedade não indígena.

O Tupi-Guarani ou Tupi-Antigo foi a chamada língua materna dos Potiguara desde os primórdios dos povos indígenas do litoral do Nordeste brasileiro, desde Alagoas ao Rio Grande do Norte. Hoje os Potiguara concentra-se no Norte do estado da Paraíba, nas extremidades de Baía da Traição e Rio Tinto. Diante das batalhas e confrontos com os não indígenas, das invasões do nosso território, quando o mesmo não era demarcado, os Potiguara perderam o hábito de conservação do seu idioma. Mas com a demarcação da terra e a implantação de algumas políticas públicas iniciamos uma retomada do nosso idioma materno, através de estudos, pesquisa e projeto, em parceria com órgãos governamentais e entidades, a exemplo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade de São Paulo (USP). Esse passo foi dado com a vinda de um Professor da USP chamado Eduardo Navarro que veio ensinar o Tupi Antigo, a língua materna dos Potiguara. Esse curso teve uma duração de dois anos, em nossa área, se adaptando bem rápido em nosso meio, com os períodos de ensino semanal, sempre nas quartas-feiras e nos finais de semana, aos sábados. Após a conclusão do ensino dessa primeira turma os mesmos se formaram, tiveram um ritual de formatura como é feito do ponto de vista formal, entretanto, alguns compareceram caracterizados de indígenas.

Após os ensinamentos a esses professores, os mesmos deram continuidade ao ensino nas escolas, até o presente momento através das políticas públicas municipais foi inserida essa demanda no calendário da educação municipal, desde os ciclos iniciais.

Com uma população de aproximadamente 19 mil indígenas entre habitantes das aldeias e das cidades de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, os Potiguara se concentram numa área do Litoral Norte Paraibano situada entre os rios Camaratuba e Mamanguape. Um número não contabilizado de pessoas vive ainda em outras cidades como Mamanguape, João Pessoa e Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte. O conjunto das aldeias constitui em três terras indígenas (TIs) contíguas, perfazendo um total de 33.757 hectares. A TI potiguara a TI Jacaré de São Domingos e a TI potiguara Monte Mór.

A república na Paraíba, após instauração de Inquérito Civil constatou entre outras violações aos direitos dos índios Potiguara, a violação ao direito de informação. Já desde o início do Século XVI, inúmeros documentos fazem referência aos Potiguara. Até hoje, no entanto, “eles” desconhecem a sua própria História. Os documentos de séculos passados encontram-se em diversos arquivos existentes no Brasil, como o Museu Nacional, além de documentos que se encontram no exterior. O acesso aos documentos oficiais do Século XX até o presente é difícil para esse povo.

A minha condição de indígena permite afirmar ser a conclusão desta pesquisa um marco histórico na minha formação como graduando em Geografia, pois na minha aldeia poucos são os que conseguem ingressar no ensino superior. Além disso, se alguns ingressam, pouquíssimos concluem a sua formação.

Esse trabalho está dividido nas seguintes partes: introdução, três capítulos e conclusão

No primeiro capítulo, abordamos a metodologia da pesquisa, mostrando como essa ela foi realizada.

No segundo, apresentamos a territorialidade da Aldeia São Francisco, com os seguintes subtópicos Breve histórico da Aldeia, em seguida a caracterização geográfica da Aldeia. Assim no 3º subtópico, abordamos festividades e costumes da Aldeia, dentro ele, apresentamos as festas ali contidas como festa do Padroeiro São Miguel e a Festa de Nossa Senhora da Conceição, Por conseguinte, veio as políticas públicas, a agricultura, as tradições e alguns acontecimentos atuais.

No terceiro capítulo, abordamos as festas, em diálogo com diversos autores a exemplo de Maria Cristina Rosa, abordamos o termo cultura, conceituando-o segundo a literatura e explicando-o segundo nosso entendimento.

No último capítulo, aborda as análises, mostrando os resultados de tudo o que estudamos, através de gráficos e escritas. Além dos capítulos apresentados, temos as considerações finais, onde fazemos um resumo de tudo o que foi discutido nesse trabalho e fechamos o nosso estudo.

1. METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Contar como fizemos a pesquisa é uma forma de torná-la mais compreensível. Por isso queremos registrar o seu percurso, o método e a metodologia utilizada.

Para Fonseca (2002), método significa organização, e logos, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência, como afirma Mynayo 2012:

A metodologia contempla a descrição da fase de exploração de campo (escolha do espaço da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, critérios e estratégias para escolha do grupo/sujeitos da pesquisa, a definição de métodos, técnicas e instrumentos para construção de dados e os mecanismos para entrada em campo), as etapas do trabalho de campo e os procedimentos para análise. (MYNAYO, 2012, p.47).

A abordagem utilizada nessa pesquisa foi a qualitativa, que segundo Richardson (1991, p.80 apud BEUREN E RAUPP 2008) pode descrever a complexidade de determinado problema, analisando a interação de certas variáveis. Segundo Ludke e André (1986 apud Santos 2007) a pesquisa qualitativa é de abordagem naturalista, ou seja, a fonte direta dos dados pesquisados é o ambiente natural do sujeito a ser pesquisado. Assim, a pesquisa qualitativa vem reescrever dados não quantificáveis, interpretando-os e aprofundando-os.

A pesquisa qualitativa tem características exploratória, estimula os entrevistados a refletirem e pensarem abertamente sobre o tema em questão, objeto ou conceito. No método de pesquisa denominado qualitativo existem diferenças quanto à forma, método e aos objetivos. Godoy (1995, p. 62) exemplifica a respeito da diversidade existente entre as pesquisas qualitativas, descrevendo características fundamentais que devem constar nesse tipo de pesquisa, a saber:

- O ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental;
- O caráter descritivo;
- O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador;

- Enfoque indutivo.

Esse tipo de pesquisa é utilizado quando se busca percepções e compreensões sobre a natureza abrangente de uma questão, expandindo espaço para a interpretação. A mesma proporciona um entendimento em profundidade do contexto do problema. Nesta Perspectiva Selltiz et al (1967) afirma:

Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (SELLTIZ, 1967, p. 63).

Na pesquisa que realizamos para escrever esse trabalho, um dos métodos utilizados para a obtenção de dados primários foi a observação participante, onde tivemos o auxílio em especial de duas pessoas: o artesão Djalma Júnior Domingos e Professor Pedro kaaguassú . A observação participante ou observação ativa, conforme Gil (1994), consiste no tipo de observação na qual existe a real participação do observador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. O observador assume o papel de um membro do grupo.

Foi realizada, também, uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com CERVO e BERVIAN (2002), procura explicar um problema a partir das referências teóricas publicadas e busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado, existente sobre um determinado assunto, tema ou problema. Nesse contexto foram utilizadas várias fontes, especialmente livros, artigos e monografias. A análise bibliográfica foi realizada por meio da literatura existente de autores que discutem sobre Cultura e festividades, como ARANTES (1985) BATISTA (2005), XAVIER (2006) FERREIRA (2001); MOONEN (1992), PALITOT; SOUZA (2005), ROSA (2002)), entre outros, com vistas a subsidiar uma reflexão dos pontos a serem abordados na pesquisa.

Em seguida, realizamos entrevistas com antigos moradores da cidade e com algumas autoridades públicas da Baía da Traição que foi realizada dia 23 de abril com os senhores: e sobre o tupi, a entrevista com o prof. Pedro Eduardo no dia 19 de maio, ambos neste ano. Segundo CerVO & Bervian (2002), a entrevista é uma das principais técnicas de coletas de dados e pode ser definida como conversa realizada face a face pelo pesquisador

junto ao entrevistado, seguindo um método para se obter informações sobre determinado assunto. De acordo com Gil (1999), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais. Esta técnica de coleta de dados é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam e desejam, assim como suas razões para cada resposta.

Ao se falar em entrevista como técnica privilegiada de comunicação e coleta de dados, Minayo (2010, pág. 261) destaca que se trata da estratégia mais utilizada no trabalho de campo, ressaltando o seguinte conceito:

“...é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo.

As entrevistas podem até mesmo ser consideradas conversas com finalidades, se caracterizando por sua forma de organização. As entrevistas podem ser classificadas em:

- a) sondagem de opinião;
- b) entrevista semi-estruturada;
- c) entrevista aberta ou em profundidade;
- d) entrevista focalizada;
- e) entrevista projetiva.

É também através das entrevistas que ocorrem os processos de narrativas de vida, ou também denominadas “histórias de vidas”, “histórias etnográficas”, “etnobiografias” ou “etno-histórias”. Podem também ser acrescentados a essas modalidades os chamados grupos focais (MINAYO, ASSIS E SOUSA, 2005 apud MINAYO 2010). A entrevista aberta como possibilidade de diálogos foi a forma que encontramos para nos aproximarmos mais dos entrevistados, o que permitiu a realização dos registros deste trabalho.

2. TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE DA ALDEIA SÃO FRANCISCO

2.1 Caracterização do território

Este relato baseia-se na realidade vivida na comunidade de São Francisco, sendo a mesma localizada na Baía da Traição, no litoral norte paraibano. Nela habitam os Potiguara que desde os primórdios do “achamento” do Brasil pelos colonizadores, já instalado e habituado nessa localidade, como também se encontram seus parentes distribuídos nos três municípios: Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição, estes povos sempre lutaram em defesa de seu território, sempre preservando sua cultura e sua tradição, assim como também seus costumes, valorizando a cada dia.



Figura 03 - Iconografia dos Potiguara durante o fim da década de 1960 na aldeia São Francisco. Fonte: Moonen (1969).

A aldeia São Francisco consiste atualmente numa população de aproximadamente 1.400 habitantes, com 302 famílias, e uma extensão territorial de 3.000 km², possuindo diversos serviços em seu território, como: mercadinhos, igrejas, escolas, bodegas, campo de futebol, posto de saúde, pavilhão, e até mesmo um local chamado “terreirão”, local onde celebramos nossos ritos tradicionais, com acesso em terra planagem a toda sua extensão, contendo

saneamento básico, com caixa d'água de poço artesiano, com água encanada, e energia elétrica para a toda comunidade.



Figura 04-Terreirão (Aldeia São Francisco) Fonte: Roberto Domingos, 2017

O território da Aldeia São Francisco perfaz um total de três hectares e está situado sobre a área dos municípios de Baía da Traição, Rio Tinto e Marcação. A rodovia PB-41 adentra as TIs Monte Mór e Marcação ligando a cidade de Rio Tinto a Baía da Traição. Outras estradas de terra recortam o território indígena fazendo a ligação das aldeias entre si e dessas com os centros urbanos, a maioria das aldeias possuem escolas de ensino básico, e até mesmo de ensino médio, postos de saúde e casas de farinha. Além disso, muitas aldeias possuem igrejas sendo duas delas símbolos históricos e territoriais: a igreja de São Miguel, da aldeia de mesmo nome, e a de Nossa Senhora dos Prazeres, na Vila Monte-Mór.



Figura 05 – Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, Monte-Mór Fonte: Paraíba Net, 2017.

As terras indígenas, em sua história mais recente, foram ocupadas por grandes proprietários, dentre eles a poderosa família Lundgren, donos da Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT), uma empresa Pernambucana de grande empresário da época, que no regime militar através de influência política conseguiu se instalar em nosso território. Essa empresa é conhecida no Brasil inteiro por meio da cadeia de lojas “Casas Pernambucanas”. Cujos proprietários eram os Lundgren que aceleraram o processo de invasão do território indígena, provocando a destruição dos ambientes. Com a instalação nas margens do Rio Mamanguape, limite sul do atual território indígena. Em 1918, iniciaram a drenagem e canalização das águas de uma lagoa ali existente, derrubaram a mata e abriram os primeiros caminhos. No final de 1925, a mesma começa a funcionar, tendo se apropriado de grande parte do território indígena, e passa a atrair mão-de-obra empregando muitos Potiguara nos cultivos de cana-de-açúcar e na CTRT, em abertura de estradas e caminhos. A chegada da fábrica de tecidos é lembrada como um período de muita violência e terror. Os índios eram expulsos de suas terras e os que resistiam eram reprimidos com violência pelos funcionários da empresa. Suas

lavouras eram destruídas e o acesso aos recursos ambientais foi restringido, como rememoram os mais velhos, (AMORIM, 1970).

Quanto a CTRT, em 1910, é criado o SPI pelo governo federal, com um objetivo de integrar os índios à sociedade brasileira. Em 1913, acontece a primeira visita de um representante do órgão baía da traição. Mas é somente em 1932 que é fundado um posto indígena PI, entre os potiguara na aldeia são Francisco. Dez anos depois em 1942, o mesmo foi transferido para a aldeia do forte, com o nome de PI, Nísia Brasileira, que permanece até hoje. Segundo Palitot (2005, p.29).

Onde vai estabelecer um regime tutelar de controle dos recursos territoriais e populacionais na baía da traição, mas em 1960, o SPI é extinto, sendo substituído pela FUNAI. A CTRT, de propriedade da família Lundgren, conhecida nacionalmente como rede de lojas Casas Pernambucanas, onde foi instalada na sesmaria de Monte-Mór, na década de 1920. Por sua vez, muito memorizada pelos Potiguara naquela localidade devido as violentas atrocidades, barbaridades, enfim, por um verdadeiro terror, praticado pelo Coronel Frederico Lundgren, sobre tudo nas décadas de 1930/40/50, época conhecida como Tempo da Amorosa. Nesta época, são muitas as lembranças de torturas e execuções sumarias praticadas pelos vigias, capatazes do Coronel Frederico. Na época quase todas as terras de Monte-Mór foram apoderadas pelos lundgrens que também passaram a imperar na região, tendo o controle dos recursos econômicos, os mandatos políticos, o aparelho repressor, as congregações religiosas e o lazer da cidade (PLANET, 2002).

Na década de 1980, com a decadência da CTRT, as terras da Companhia foram repassadas para os usineiros de cana-de-açúcar, um outro poderoso grupo econômico industrial emergente que contou com o apoio do governo federal, através da criação do Programa Nacional do Alcool (PROALCOOL) que, no final da década de 1970, passa a ser fonte alternativas de combustível. Dessa forma a Agropastoril Rio Vermelho, a Destilaria Miriri e a Usina Japungu passaram a controlar todas as posses de terras da antiga CTRT. Neste momento o inimigo dos Potiguara mudava de nome e de estratégia, e a partir daí iniciava o desmatamento nas áreas de terras agricultáveis, e assim mudando todo cenário geográfico em um imenso “mar de cana” e também o cenário político, por causa da organização das categorias dos grupos oprimidos, com o objetivo de defender o direito do uso pela terra. É nesse contexto que os índios reformulam suas mobilizações e organizações políticas para demarcar suas terras e expandir seus direitos, Palitot (2005).

2.2 Nossa Tradição: nossa memória e histórias

Esse conceito de tradição envolve diversos ritos e costumes, como também nossas crenças e lendas, as práticas cotidianas. As maneiras e as formas do cultivo da nossa agricultura, do plantio ao período da colheita, as armadilhas de pesca, de caça, o banho no rio, o processamento da farinha da mandioca, até ela ficar pronta para o consumo, o beijú da semana santa, o peixe assado, a mangaba madura, o bolo-pé-de-moleque, a benção de joelho na semana santa, o terço da madrugada no sábado de aleluia, a nossa pajelança, o nosso ritual sagrado, o invocar dos nossos ancestrais, a nossa espiritualidade, a medicina tradicional, nossos cânticos da dança do toré, enfim, todo esse conjunto de práticas da nossa tradição continuamos praticando. Recentemente podemos classificar também como uma tradição nossa, os jogos indígena, que acontece dentro do nosso território, este evento envolve diversas modalidades esportivas, futebol masculino e feminino, corrida de toras, cabo de guerra, arco e flecha, de fabricação de canoagem, futebol de quadra, e etc. o município que é priorizado com o evento durante os cinco dias, este contribui para o desenvolvimento da economia local, e assim sendo favorável. Assim também como as festividades tradicionais da nossa região.

2.3 O Toré

Toré é um ritual expressivo, vivo, envolvente e mexe com as emoções, com a subjetividade, com a intimidade, com a espiritualidade, com o que há de mais sagrado e até possibilita as pessoas mais sensíveis passarem de um nível de consciência para outro e entrarem em transe. Incluindo ainda, significados profundos para nós indígenas, contato com os ancestrais, os parentes que já partiram da matéria para o espírito, trazendo energias positivas, trazendo assim diversos benefícios. O toré é uma das principais fontes de expressão da vida física (saúde, alegria) e espiritual. Possuindo assim diversos significados em benefícios da nossa tradição.

O ritual do Toré, vivenciado em coletivo, reunindo desde os Curumins (crianças) ao Cacique Geral, Caciques, Pajés, Troncos Velhos e demais indígenas é expressão da cultura, do sagrado, numa prática milenar, capaz de trazer benefícios por renovar as energias, gerar ânimo para enfrentar os desafios, fortalecer laços de amizade, livrar-se de problemas, e muitos

manifestam que se aproximam dos espírito dos seus ancestrais. (SILVA; NASCIMENTO, 2013).

De acordo com Batista (2005), o toré é entendido como diversão e festejo. Para esse grupo, o toré e o particular se colocam como dispositivos de distinção e de expressão de descendência étnica do grupo. Do ponto de vista da disposição do grupo no momento do ritual:

Consiste numa reunião de um grupo que se distribui em duas fileiras paralelas, que podem se transformar em uma única fileira e que evolui ao compasso da batida de maracás e de silvos e apitos [...] os participantes podem estar vestidos de forma cotidiana ou envergando o que se chama de “farda do toré”, que consiste numa saia e num peitoral, ambos feitos com fibras de coroa trançado. A maioria dos participantes, mesmo que não esteja “fardada”, estará carregando o maracá, para, enquanto dançar, marcar o compasso e outros estarão também com apitos. Na distribuição dos dançadores pode-se perceber o primeiro indivíduo de cada uma das fileiras é sempre um homem reconhecido pelo grupo como um “bom dançador” [...] “bom dançador” é sempre um personagem relacionado ao campo político, o que significa dizer que este atributo relaciona-se com a qualidade da liderança, de desempenho no papel de ser Truká. Após o “bom dançador”, seguem-se os outros, primeiro homens, depois mulheres, e encerrando, vêm as crianças. Esta distribuição implica que, idealmente, cada vez que duas fileiras fiquem frente a frente, sempre se tenha a correspondência, isto é, um homem defronte a outro homem, uma mulher defronte a outra mulher, e, finalmente, uma criança defronte a outra criança. A dança consiste numa coreografia variada, indo da simples marcação de uma batida com o pé direito e o arrastar do pé esquerdo, deslocando-se o corpo para o lado (BATISTA, 2005, p. 76-78).

Entre os Potiguara, os registros dos torés são encontrados em documentos do SPI, dos quais destacamos o documento redigido em 1920 por Alípio Bandeira, que relata em seu relatório o modo de vida indígena, e assim se refere ao toré Potiguara.

Conforme Silva; Nascimento (2013):

Potiguara vivenciam e cultivam o Toré como uma ritualização cultural, religiosa e política, fundamental para suas vidas e as tradições étnicas. Com a emergência étnica iniciada em 1984, o ritual do Toré toma amplitude, deixando de ser praticado às escondidas nas matas, para reunir toda a nação, os parentes e os brancos no Terreiro Sagrado das Furnas na Aldeia Mãe, São Francisco, em Baía da Traição, por exemplo. Com seus corpos pintados, indígenas realizam práticas ritualísticas e das tradições, incorporando e externando sua mística espiritual, que exige concentração, profunda reverência, meditação, devoção e fé, vivida de forma individual e coletiva na busca do encontro maior com suas divindades. Cada gesto e movimento contribuem para a dinâmica e a sintonia do momento místico. A disposição e envolvimento de cada integrante influência na promoção de um grande momento de transcendência, sendo espaço de vivência singular e instante de reatualização das tradições. SILVA; NASCIMENTO (2013, p. 218

Nas suas festas domésticas é que, sobretudo, se apanha o apego dos Potiguara aos seus ancestrais. Eles dançam e cantam como índios. Usam instrumentos de música, mas instrumentos indígenas...

O „zambê“ e o „puita“ são acompanhadores prediletos de suas canções e dos seus sambas [...] com essa música elementaríssima folgavam noites inteiras, dando a quem os contempla, a impressão de um rito bárbaro em plena selva (Bandeira *In* Moonen & Maia, 1992, p.186).

Em Moonen & Maia (1992) alguns trechos das músicas são encontrados, a exemplo do trecho abaixo que foi transcrito por Moonen em um dos seus trabalhos de campo realizado nas aldeias Potiguara:

No pé do cruzeiro jurema,

Eu brinco com o meu maracá na mão(2x)

De cima o meu Jesus Cristo,

Oh Cristo no meu coração. (2x)

Oh Ana rei, oh Ana rei, oh Ana rei!

Oh Ana rei, oh Ana rei, oh Ana rôôô

Quem pintou a louça

Quem pintou a louça fina, foi a flor da maravilha(2x)

Pai e Filho e Espírito Santo, filho da virgem marina(2X)

Eu estava em minha casa e me mandaram me chamar (2x)

No dia do Santo Reis, na casa de João Pascal (2x)

O sol entra pela porta e a lua pelo oitão (2x)

Viva o dono da casa, com sua obrigação (2x)

Caboquinha da jurema

Caboquinha da jurema eu dancei no seu toré,

Para me livrar da flecha dos tapuias Canindé

Oh Reis Canindé, (2x), palmas de jurema pra Reis Canindé.

Sou Potiguara nessa Terra de Tupã

Sou Tupã, sou Tupã sou Potiguara.

Sou potiguara nessa Terra de Tupã, tenho uma arara, jaraúna e xexeu,

Todos os pássaros do céu, quem nos deu foi Tupã, foi Tupé, sou Potiguara (2x).



Figura 06- Dança do toré–Fonte: Roberto Domingos, 2016.

Nossa dança, um elo de união entre nossos irmãos, principalmente em momento de reivindicações, conquistas, e celebrações. Essa prática vem desde nossos primórdios, passando de geração em geração, onde eram reivindicados a conquista do nosso território, e todos nossos direitos como indígena, perante a Constituição Federal, e o nosso Estatuto. O ritual inclui nossos adornos, que são; a saia, o cocá, colares, o maracá, o arco e a flecha, a lança, a pintura corporal, e o zabumba. Que sempre teve um forte significado pra nós, além dos nossos cânticos.

Segundo Palitot e Sousa Junior (2005, p.206)

A realização pública do toré num espaço historicamente marcado pelo controle da Companhia Rio Tinto assume para os índios o significado de um grande desabafo. É motivo de orgulho e prazer dançar o toré em praça pública. Alguns chegam a afirmar, num tom emocionado, que ao dançar o toré hoje podem ser livres, por eles próprios e por seus antepassados que foram perseguidos e obrigados a negar sua identidade.

No âmbito da etnografia, a tradição revela um conjunto de costumes, crenças, práticas, doutrinas, leis, que são transmitidas de geração em geração e que permitem a continuidade de uma cultura ou de um sistema social. Entretanto, a tradição poderá não ser material, mas apenas simbólica. Para que isso estabeleça é necessário bastante tempo, para que o hábito seja criado, e é bem fato que até então conservamos.

Diante dos fatos ocorridos em nossa localidade, contado por dois anciões nosso, senhor Miguel Delfino 78 anos, e senhor Janjão 76 anos, que nas décadas de 1960 e 1970, já ocorriam confrontos em nosso território, por parte de posseiros, principalmente na questão da demarcação da nossa terra, na década de 1980, os confrontos ocorreram de forma violenta, por parte dos canavieiros e a destilaria Agicam, assim como a companhia de tecido de Rio Tinto.



Figura 07- Bravura nas retomada da demarcação da terra Fonte: Potiguará da Paraíba, 1981

A partir daí surgia diversas atrocidades com o nosso povo. E em seguida nosso povo juntamente com nossos representante da época começariam a se organizar, a formar um grupo

de resistência que lutou até ocorrer a desapropriação. E um dos meios eficazes na resistência foi a dança, o toré, que teve uma representatividade forte, e de união, demonstrando a bravura desse povo.

a) O legado do cacicado

Este processo simplesmente ocorre através de um legado perante a comunidade, pode até prosseguir de pai pra filho, mas isso é necessário que o mesmo tenha transparência das ações, representatividade e bravura de guerreiro. Que possa ter respeito pelo próximo e ser respeitado por todos. Conter postura de decência, caráter e boa conduta perante ao meio de convivência, ser estimulante em defesa da causa e do território.

A aldeia é liderada por um cacique local, podendo ser homem ou mulher. Não existe período determinado e previamente estipulado para se cumprir um mandato. Alguém pode ficar na função por vários anos ou até mesmo por alguns dias. A permanência a frente da aldeia vai depender do seu compromisso e do seu desempenho, enquanto representante do seu povo, e da sua aceitação no meio dos índios. Existe várias maneiras de escolher um novo cacique; pode ser por aclamação, quando os presentes se manifestam abertamente levando a mão ou por aclamação; e por votação não secretas. Cada índio fala em voz alta seu voto para um outro candidato. Pode ser também por votação secreta, cada eleitor deposita seu voto em uma urna. A comissão das eleições faz a contagem dos votos e apresenta o resultado do pleito para a aldeia. Nem sempre os resultados das urnas acabam com as desavenças entre os diferentes grupos. A capacidade da liderança eleita de lidar com seus pares vai acomodando ou não as arestas e as divergências que estão sempre surgindo. Poucas mulheres exerceram a função de cacique, mas não é algo exclusivo dos homens. Em diversas aldeias, elas já conduziram os interesses gerais do seu povo. O cacique normalmente toma as decisões após ouvir as lideranças locais. Em algumas aldeias, há um conselho formado pelas lideranças e pelos os anciões, para ajudar e pensar e tomar as decisões de interesse de todos os índios. Além da organização local, os potiguara tem um cacique geral que representa toda etnia. Não é qualquer pessoa que pode ir para esse espaço publica, uma vez que ela passa a imagem do índio, que é a imagem ideológica das aspirações que temos em etnia.

2.4 Acontecimentos Atuais

Diante de diversos fatos e acontecimentos ocorridos, muitas coisas mudaram neste “processo civilizatório”, desde as nossas primeiras situações de contato. Mudou nosso comportamento, nosso agir, nosso pensar, nossas atitudes, e até mesmo nosso modo de viver nos dias atuais. Isto ocorre devido a chegada das políticas partidárias e das políticas públicas. A partir dessas políticas públicas o índio passa a receber atenções antes negadas, o que contribui para que ele exercite a cidadania

E que através deste novo modo de vida os mesmos ganham apoio e direitos diante do seu território, e incentivos para desenvolver suas práticas agrícolas. Com a implantação do sistema educacional nas aldeias, surgem diversas modalidades, beneficiando o povo potiguara. Até mesmo a implantação do ensino médio nas escolas, em parcerias com o governo do estado e municipal, incluindo ainda o retomada de nossa língua materna, o Tupy antigo. Mesmo com mudanças as ocorridas o potiguara sempre se mantém preservando seus laços culturais e sua tradição.

3. FESTAS, FESTEJOS E FESTIVIDADES

3.1 A sociabilidade Potiguara

As festas fazem parte das tradições indígenas e em muitos casos estão relacionados com o calendário agrícola. Na Aldeia São Francisco existem diversas festas e festejos que ocorrem ao longo do ano.

Em busca de registrar essas festas e festejos iniciamos discutindo as festas como uma solenidade comemorativa que congrega pessoas e produz fatos e rituais importantes; produz cerimônias em comemoração de qualquer fato ou data. É um conjunto de pessoas que se reúne por diversão, geralmente num lugar específico com música, comida, bebida etc. enfim é expressão de alegria.

O que são festejos? Esses têm basicamente os mesmos sentidos conotativos a festas; é ato ou efeito de festejar, solenidade, comemoração, afago, atenções, mesuras. Tais práticas exercidas no cotidiano da comunidade vêm consolidar referência a um grupo ou a uma comunidade em uma região. Assim, quando falamos das festas culturais inseridas no Brasil, surgem saberes peculiares que atravessaram muitas existências das comunidades nas suas

práticas simbolizadas nas comidas, no artesanato, na música, na dança, celebrações e demais manifestações culturais.

As festas retroalimentam a identidade cultural de um povo, revelam a cultura regional, crenças, memória de grupos étnicos e a história cultural de nosso país, até porque é através das festas que se conhece melhor a coletividade e a época em que elas aconteceram, ou seja, as festividades também marcam a história de um grupo, em tempos e espaços definidos. As festas são traços culturais, um conjunto etnográfico da história e da cultura de todos os povos, em todos os níveis e classes sociais.

No Brasil as misturas étnicas entre negro, índio e branco resultaram em um alicerce etnográfico comum em todo o território brasileiro com suas tradições de ordem religiosa e social firmada no Brasil. Convém destacar que muitas festas resultam do processo de miscigenação e contém traços das culturas indígenas e negras nos contatos com os brancos

Neste contexto destaco as festividades indígenas, que são tipos de eventos com diversos sentidos, com grandes festejos e celebrações típico das suas tradições, suas culturas e também seus costumes, que envolve diversas modalidades, casamentos, eventos esportivos (jogos indígenas), festas religiosas que acontecem em todo o Brasil. Na Aldeia São Francisco e na TI Potiguara também não é diferente, sempre cultuamos o que nossos ancestrais nos deixaram primordialmente, e ao longo dessa caminhada nossos bisavôs, nossos avôs e pais, sempre trazendo perpetuadamente estes ensinamentos para referendar a nossa cultura, e assim sempre reeditando nosso calendário festivo. A exemplo do nosso toré (dança), que é comemorado e celebrado no dia 19 de Abril de cada ano, mas é também praticado em diversas situações que envolve comemorações, acolhida de visitantes, dentre outros.

As festas são verdadeiras encenações a céu aberto que têm como cenário as ruas e praças públicas das cidades, segundo Camponero e Leite (2010) as festas trazem particularidades únicas, por estarem ligadas à civilização, por reviverem lutas, vitórias, personalidades e mitos. Segundo Camponero e Leite (2010, p.102):

As festas representam momentos da maior importância social. São instantes especiais, cíclicos, da vida coletiva, em que as atividades comuns do dia-a-dia dão lugar às práticas diferenciadas que as transcendem, com múltiplas funções e significados sempre atualizados. As diversas espécies de práticas culturais populares podem ser a ocasião da afirmação ou da crítica de valores e normas sociais; o espaço da diversão coletiva; do repasto integrador; do exercício da religiosidade; da criação e expressão de realizações artísticas; assim como o momento da confirmação ou da conformação dos laços de identidade e solidariedade grupal.

A festa é um momento de manifestações de felicidade, que mobiliza grupos, onde todos são personagens. Além disso essa manifestação cultural contém características diversas como: organização, política, decoração, mercadorias, falas, encontros, desencontros, movimentos, roupas, etc.

Como afirma Amaral (2008) festejar é bem mais que uma mera comemoração, é uma prática que entrelaça vivências, experiências entre muitos outros fatores que se englobam no que chamamos de “festa”. Portanto, uma festa para se concretizar necessita de uma organização mínima, onde cada pessoa da comunidade possui um papel principal. É nesse momento que o aprendizado da ação coletiva ou mútua une os laços de afetividade e de amor ao lugar onde é realizada a festa. Em uma festa, há sempre um motivo de interação dos participantes, a festa representa um momento de grande importância social da vida coletiva. Neste sentido Ferreira (2006, p. 112) afirma que:

Antes da invenção dos modernos meios de comunicação, as festas constituíam a mais importante atividade pública. Eram momentos de afirmação da identidade coletiva, através dos quais o indivíduo tomava consciência do seu “pertencimento” a determinado grupo. A festa era também um “lugar simbólico” através do qual eram veiculados os valores e as crenças do grupo, transformando-se, portanto, no principal lugar onde afloram os conflitos de significado na disputa pelo monopólio da informação e, até mesmo, do controle social.

As festas produzem sociabilidades, interações, mas por vezes afasta os participantes que vêm de fora dos participantes da cidade. Infelizmente, não é difícil encontrar na organização das festas, sobretudo religiosas, grupos concorrendo a cargos e lugares sociais, vê-se nessas ocasiões se estabelecer claramente as posições econômicas e sociais dos indivíduos na sociedade local, além de determinar confrontos de prestígio e rivalidades, de privilégios e poderes. A participação do indivíduo nas festas públicas afirma seu lugar na cidade e na sociedade.

Nesse sentido, deve-se ponderar que as festas possuem um histórico e se constroem a partir de um passado, sendo resultado de contribuições de diferentes gerações.

Ferreira (2006) diz que quem domina o espaço determina a festa e quem determina a festa impõe seu sentido de espaço. Mas, convém lembrar que o espaço da festa será, normalmente, um espaço eclético, polissêmico, aberto, articulador dos diferentes atores que dela participam, de modo que esse espaço e a luta por sua ocupação simbólica será determinante para a própria existência da festa.

De acordo com Arantes (1985) a cultura está em todas as partes da vida social se manifestando através das ações humanas. Diante disso pude perceber, durante a pesquisa, que a cultura gera marcos na história de uma cidade, de um povo, de um grupo, além de trazer diversos benefícios para quem organiza algo cultural e satisfação para quem usufrui. Mas Turner (2010, pag. 23) complementa que:

Cultura é um sistema de símbolos que uma população cria e usa para organizar-se, facilitar a interação e para regular o pensamento. Embora os sistemas e os símbolos evidenciem formas de padrões, as culturas populares se mantêm para demonstrar suas verdades, identificadas pela identidade cultural.

Entende-se que a cultura é um componente eficaz nas relações humanas e uma preocupação contemporânea, pois nos leva a muitos caminhos que conduzem os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro –BRUNO (2009). Este entendimento da cultura está interligado ao contexto atual que abrange a nossa coletividade e também revela aspectos da situação econômica, política e social de um país.

A compreensão da cultura revela por exemplo, as crenças, mitos, costumes, saberes, regras, dentre outros, por conseguinte a escola também possui o seu conjunto cultural. O aluno ao frequentar a escola, chega até ela com uma bagagem cultural trazida de casa e entra em contato com a cultura presente no currículo e, este aluno também está em constante contato com a cultura divulgada pela mídia, pelas trocas com os colegas e pelos demais meios em que convive. Para Morin (2002, p. 56):

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

Mesmos os pesquisadores do tema cultura divergem ao tentar defini-la e mostrar como ela age dentro da sociedade. Para Clifford Geertz (1973), a cultura não deve ser vista como um complexo de comportamentos concretos, mas, um mecanismo de controle, planos, receitas, regras e instruções para governar o comportamento. O autor defende que deve-se buscar interpretações o que no caso para o estudo da cultura é uma forma de analisá-la sem atribuir julgamentos ou preconceitos.

Segundo Benedict (1972, p. 16 *apud* LARAIA, 2009 p. 67) “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”, assim diferentes culturas possuem diferentes lentes. Essa maneira como enxergamos o mundo e, reagimos diante das situações, fazem parte da herança cultural que recebemos durante toda a nossa vida. Nossos comportamentos não

vêm de berço, mas, aprenderemos conforme o passar do tempo que esse comportamento poderá causar, através da herança cultural, diversos tipos de preconceitos para com culturas e práticas já existentes. “A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade”.

Segundo MARQUES (2009) o cidadão tem o poder de moldar o seu meio, o meio também pode moldar o cidadão. Ocorre uma influência flexível em que, ambas as partes, contribuem para a formação tanto de um quanto do outro. Por isso, o ser humano não é indiferente ao meio em que vive, por mais longe que esteja de tudo aquilo que é visto como caracterizador da cultura, ele de alguma forma, contribui para sua manutenção ou extinção. Assim,

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (LARAIA, 2009, p. 68).

Isso serve como exemplo no aspecto consumista que vem sendo incorporado na cultura da maioria das sociedades. O sistema econômico vigente em determinados países, contribuem para a formação da cultura do seu povo. A divisão das classes sociais mostra que, apesar de haver uma cultura geral em um determinado país, sociedade ou povo, os fatores econômicos e sociais vão influenciar no modo como as pessoas vivem e interpretam sua cultura. (MARQUES, 2009)

Entendemos inclusive que não existe nenhum aspecto da vida humana que a cultura não toque e altere:

O modo como os indivíduos se expressam (incluindo demonstrações de emoções), a forma como pensam, o modo como se movem, como resolvem os problemas, como planejam suas cidades, como funcionam se organizam os sistemas de transportes, assim como a forma em que os sistemas econômicos e estatais se estruturam e funcionam e, também, os sistemas de tempo e espaço. (BONAZZI; ECO, 1980, p.82)

Atualmente, o poder de consumo e a intelectualidade são parâmetros de classificação de grau de cultura em nossa sociedade. As pessoas que possuem melhores condições financeiras e um maior grau de instrução são vistas por alguns como detentoras de uma melhor cultura. Contudo a cultura é algo tão abrangente e tão grande, que está presente em tudo o que fazemos em nosso dia-a-dia, por isso é impossível desconsiderar a cultura presente nos meios mais simples e humildes, das pessoas que pouco foram à escola e que vivem nos lugares afastados dos grandes centros de consumo, pois, elas também contribuem para a

continuidade da transmissão das crenças, valores, costumes e rituais pertencentes ao seu povo. É isso que faz com que o povo não perca suas características mais marcantes, seus traços, aquilo que os caracterizam. Além disso, por mais que se aprenda a língua de outros países, por mais que vivamos nesses outros países, sempre se carregará a cultura que há em nós, que nos fez tornar-nos cidadãos reconhecidos do país em que nascemos e vivemos.

Segundo Morin (2002) ele classifica a cultura como um conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio da herança cultural.

Dessa forma, a Aldeia São Francisco têm características diferenciadas, assim como deve ser nas demais, direcionadas a comida, rituais, hábitos, festas, até porque desde antigamente, essa cultura já existia e assim vai passando de pai para filho. Lembramos também que na Aldeia eles confeccionam artesanato, que também consiste em uma prática nossa, mais um de nossos meio de sobrevivência.

3.2 Festividades e Costumes da Aldeia São Francisco

Os costumes da comunidade são bastantes significativos baseados na tradição do povo Potiguara, que sempre cultivou e celebrou-a dança do toré e a espiritualidade, assim como produz as comidas típicas e o artesanato, e cultivos as lavouras, as festividades locais, ritos criados pelos ancestrais, com crenças, imagem católicas, o São João da roça, (festividade junina), com essas diversidades tradicionais e culturais, sendo as mais comemoradas na atualidade. A comemoração do São João, no mês de junho, envolve a fogueira e o milho, e todo rito da tradição indígena, desde o ato de cortar a madeira para fazer a fogueira até assar o milho. A produção da fogueira revela elementos bastante envolventes, na criação dos pratos típicos da nossa culinária tradicional Potiguara.

O dia 19 de abril, (dia do índio), momento que é bastante consagrado, cheio de cerimônia, alegria e motivação. Envolve ainda a culinária indígena, (comidas típicas) e o artesanato confeccionado, incluindo ainda a pintura corporal, que pra nós possui um forte simbolismo e grande significado.



Figura 08- Artesanato confeccionado- fonte: Roberto Domingos 2017

3.2.1 Festa do Padroeiro São Miguel

Um período festivo é a tradicional festa do padroeiro São Miguel, que consiste em uma bela imagem católica, bastante venerado pelos nossos ancestrais, assim como também o povo da atualidade, que denominaram como padroeiro do povo Potiguara. Uma imagem muito bem polida e nítida, com grande valor simbólico e considerável por todos, com data unificada no calendário anual, em 28/09 de cada ano, em seus festejos sempre cultivado com dedicação e admiração por todos, contendo nove noites de novenários, sendo que as mesmas prosseguem com missas, cânticos e ritos católicos, na nona noite se encerram os festejos com atrações e show de grupos musicais, no dia seguinte ainda tem uma missa de encerramento pelo Padre responsável pela paróquia.

Cada época de ano da festa do padroeiro, todos ficam bastante motivados e empolgados com o período festivo. Organizam a rua com bandeirinhas (ornamenta), a igreja, renovam a pinturas de suas casas, os poucos comerciantes renovam seus estoques de mercadorias e produtos. Em sua forma de se vestirem, os mesmos não tem especificidade, ou não possuem “ vaidade”, sempre com o estilo tradicional, o convencional. Todos participam normalmente, crianças, adolescentes, adultos e idosos. Seguindo também um calendário de novenário, com cada noite uma Aldeia diferente, onde cada uma delas se encarregam dos

fogos de artifícios, nessas alterações de noites por aldeias, inclui-se sempre com seus visitantes, e assim somando o grande público. Durante as novenas, inicia a reza na igreja seguida de cânticos, após segue em caminhada na rua, espécie de passeata até a uma determinada distância, (conhecida aqui como; “vorada”) aproximadamente uns 150 metros, fazendo um percurso de ida e volta, seguido de cânticos católicos, ao som de uma flauta, de um zabumba, e um maracá, até retornar a igreja. Após conclui a novena, fato que se repete nas nove noites. Apenas alguns cânticos dos Potiguara é incluído durante essa passeata. Do mesmo sistema segue os festejos da Nossa Senhora da Conceição, a outra Padroeira.



Figura 09- Participação dos indígenas no novenário–Fonte: Paraíba Net, 2016.

Da mesma forma, também são cultivados os festejos de uma outra imagem santa, também adotada pelos nossos ancestrais, com cujo nome de Nossa Senhora da Conceição, festejada sempre no dia 07/12 de cada ano.

3.2.2 Festa de Nossa Senhora da Conceição

Comemorada no dia 07/12 de cada ano, basicamente com os mesmos valores simbólicos, e muita alegria e orações. Nesse período em cada ano o comércio local sofre uma mudança de alteração em seu movimento, durante o tempo e duração da festa se estabelece uma economia motivadora aos nossos comerciantes do local.



Figura 10- Festa de Nossa Senhora da Conceição–Fonte: Elias Medeiros, 2016.

Hoje a aldeia São Francisco vem atravessando um processo de transição, grande parte das moradias de antigamente pouco existe, como por exemplo, as casas de taipa, e as ocas, muitas delas foram substituídas por de alvenarias, na medida em que os potiguara foram se descobrindo, e evoluindo e interagindo com outros grupos tudo foi se modificando quanto às suas condições de vida, de modo que as casas de alvenarias foram adotadas por sua resistência.

Na aldeia S. Francisco, os parentes não se articulam necessariamente em torno de uma “casa-focal”. Apesar de haver residências caracterizando a situação apresentada em outras aldeias, existe uma certa divisão ou “dispersão” da “casa focal”, decorrente, sobretudo da morte do casal-chefe. Entretanto, a situação de “casa-focal” se aplica na posse e apropriação

da terra: nos “roçados” e nos “sítios”. A exemplo de outras aldeias, também no S. Francisco a terra utilizada nas atividades agrícolas é comum ou contígua e são denominadas pelo nome do chefe do grupo doméstico. Nesta aldeia, a contiguidade de terrenos ocorre mesmo que um casal tenha herdado posses do pai e da mãe, considerando a recorrência de ligações matrimoniais entre os maiores grupos domésticos da aldeia. Nos casos em que não há tais ligações, a tendência é existir uma faixa de terra relativamente separada das demais. Em relação aos indivíduos que se casaram com “não-índios”, as terras que estes herdaram do pai e da mãe permanecem contíguas às dos demais membros dos siblings, considerando que o “não-índio” não herda benfeitorias. Os siblings herdam, obviamente, pela linha que descende de família indígena.

As situações de contato com o branco trouxeram uma série de mudanças inclusive na agricultura como o próprio indígena já tinha aprendido hábitos com o “branco” o (não índio) e iniciara um novo processo de cultivo em lavouras, e com o acesso de atravessadores já nas comunidades surgia aí a comercialização entre ambos, e o mesmo já voltado para uma nova realidade e passariam a partir daí a possuir seu “rádio a pilha, sua TV preto e branco”, além de aprenderem uma série de comportamentos diferentes, como incentivam até hoje. A partir daí muitas coisas se modernizaram, mas sempre preservando sua cultura e tradição, essência que nunca deixamos de cultivar, porque é um dos nosso principal alicerce. Pois é através dessa preservação que ainda temos garantia de nossos direitos indígenas, como na saúde indígena assim como os benefícios que vêm através da FUNAI.

O processo da agricultura vem passando de geração em geração desde os nossos ancestrais, pois é diante dessa prática que desde sempre colocamos parte do nosso alimento em nossa mesa, através da nossa terra, de nosso solo, sem esquecer de outra prática que também é fundamental a nossa sobrevivência, a pesca, tanto nos rios como no oceano, e assim vivendo até os dias atuais. Vale salientar que, seguimos um calendário agrícola onde cultivemos nossas plantações de lavouras, as mesmas costumam a se desenvolver e gerar boas safras quando cultivamos culturas adequadas ao nosso clima, a exemplo do feijão, o milho, batata, e entre outros, estes sempre tem suas particularidades em se desenvolver, e vendo essa realidade chegamos a conclusão de que isto é real, o período mais adequado pra essas lavouras ter um bom desenvolvimento é entre junho e agosto, de cada ano.

Cabe destacar também como parte da nossa cultura, artesanato, que também consiste em uma prática nossa, mais um de nossos meio de sobrevivência. A prática do mesmo vem de geração pra geração, só que na atualidade de hoje com recursos diferentes, como as sementes,

e todo os acessórios que os comportam. Cito alguns; como o cocá (penacho) feito de penas de aves e um tecido de algodão de forte resistência, colares, pulseiras, anéis, prendedores de cabelo, tiaras de penas, filtro de sonho, maracha (maracá) e etc.



Figura 11- Plantações: Roberto Domingos 2017.

Nas diversas Aldeias Potiguara várias pessoas desenvolveram esta prática, mas a grande concentração de artesãs localiza-se na Aldeia São Francisco, como nos últimos tempos aumentou a quantidade de praticantes, logo resolveram criar uma associação e nomear um representante (Presidente) da mesma, este é responsável pela comercialização nas feiras e eventos.

Quanto as políticas públicas em nosso território, a mesma vem subsidiando diversas ações em nosso meio, como alguns benefícios do governo federal, como o bolsa família, e no oferecimento de crédito financeiro de apoio ao pequeno agricultor em desenvolver suas práticas agrícolas, através do Banco do Nordeste, em parceria com a EMATER e governo do estado, no cultivo de suas plantações da agricultura familiar, como: feijão, mandioca milho, batata, maracujá, mamão, e até mesmo a própria cana-de-açúcar, com criação de bovinos e caprino



Figura 12- Plantação de milho. Fonte: Roberto Domingos, 2016.

E ao passar do tempo com que é determinado este financiamento os mesmos iniciam o pagamento ao Banco.

Diante de informes do sindicato dos trabalhadores rurais da Baía da Traição e pelo correspondente local da Emater, os mesmos relatam que os créditos de financiamentos para os agricultores são; pra criação de gado, de caprinos, de carneiros, plantio de roça, criação de galinha, e etc. com valores de 4.000 a 6.000 reais, se o valor for maior que esses necessita de um fiador, iniciando a pagar ao banco após um ano.

Quanto a associação dos artesãos; o presidente da mesma é um homem (Djalma Jr Domingos), a associação já vem com uma idade de oito anos, comercializam seus artesanatos em feiras artesanais, em eventos comemorativos, e em seus domicílios. Não obtiveram cursos de capacitação, e sim com o próprio talento e criatividade, hoje já existe apoio, do estado e do município, através do Programa “Incentivo ao Artesanato Indígena”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada permitiu melhor entender a organização política do povo Potiguara, sua cultura e tradições

Destacamos a importância das lutas do povo Potiguara para a demarcação de suas terras.

As festas compõem as tradições e ritos desse povo assim como as comidas típicas como o beijú, as peixadas até porque desde antigamente, essa cultura já existia e assim vai passando de pai para filho.

A prática do artesanato vem de geração pra geração, só que na atualidade de hoje com recursos diferentes, como as sementes, e todo os acessórios que os comportam. Cito alguns; como o cocá (penacho) feito de penas de aves e um tecido de algodão de forte resistência, colares, pulseiras, anéis, prendedores de cabelo, tiaras de penas, filtro de sonho, maracha (maracá) e etc. Existe também o legado do cacicado, que a escolha também tem sua forma, não é uma forma padrão que conhecemos. Dessa maneira, identificamos que as semelhanças são poucas, pois eles têm a sua própria forma, jeito de se divertir, seus próprios objetos de entretenimento, diversas vezes, criados por eles. Lembramos também que na Aldeia eles confeccionam artesanato, que também consiste em uma prática nossa, mais um de nosso meio de sobrevivência.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, P. M. de. **Índios Camponeses: os Potiguara de Baía da Traição**. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social) Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 1970.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BATISTA, M. R. R. **O Toré e a Ciência Truká**. In: GRUNEWALD, R. de Azeredo (Org.). **Toré: regime encantado do índio do Nordeste**. Recife: Fundaj, Massangana, 2005.
- BONNAZZI, M; ECO, U. **Mentiras que parecem verdades**. São Paulo: Summus, 1980.
- CAMPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. **Patrimônio: Lazer & Turismo**. v.7, 2010.
- CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares na expansão do turismo**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.
- GEERTZ, C. **As Interpretações da Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GIL, Antônio Carlos, **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, São. Paulo, Atlas, 1994.
- _____. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**.(12ª edição). São Paulo: 2010.
- _____. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- MARQUES. Amanda Christinne Nascimento. **Territorio de Memória de Territorialidade das Vitória dos Potiguaras da Aldeia dos Rios**. João Pessoa: 2009.
- MOONEN, F. & MAIA, L.M. **Etnohistória dos Índios Potiguara: ensaios, relatórios e documentos**. João Pessoa: PR/PB-SEC/PB, 1992.
- MORIN, E. **A Cabeça bem Feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

PALITOT, E. M; e SOUZA JR., F. B. de. Todos os Pássaros do Céu: o toré Potiguara. In: GRUNEWALD. R. de Azeredo (Org.). **Toré: regime encantado do índio do Nordeste**. Recife: Fundaj, Massangana, 2005.

ROSA, Maria Cristina. **Festa na cultura**. In _____ (Org.) **Festa, lazer e cultura**. Campinas: Papirus, 2002.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das Relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.